

# POSTAIS

Revista do Museu Correios

Presidenta da República  
Dilma Rousseff  
Ministro das Comunicações  
Paulo Bernardo Silva  
Presidente dos Correios  
Wagner Pinheiro de Oliveira

Editor  
Romulo Valle Salvino  
Conselho editorial  
Adeilson Ribeiro Telles  
Andre Henrique Quintanilha Ronzani  
Larissa Gauch Gomes Viana  
Maria de Lourdes Torres de Almeida Fonseca

Projeto gráfico  
Juliane Marie Tadaieski Arruda  
Virgínia de Campos Moreira

Diagramação e arte  
Juliane Marie Tadaieski Arruda  
Virgínia de Campos Moreira

Capa  
Virgínia de Campos Moreira

Núcleo de pesquisa e documentação  
Anna Priscilla Martins da Silva Campos  
Bernardo de Barros Arribada  
Camila Alves Sena  
Jair Nazareno Xavier  
Jomanuela Nascimento Santos  
Miguel Angelo de Oliveira Santiago  
Renata Assiz dos Santos

Núcleo administrativo  
Angela Oliveira Laborda  
Douglas Teixeira Nunes Santos  
Luciléia Gomes Silva Belchior  
Marcelle dos Reis Freitas  
Marco Antonio de Sousa  
Maria da Glória Guimarães

Agradecimentos  
Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE)  
- Recife/PE; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/RJ;  
Museu Tempostal - Salvador/BA; ASCOM - Diretoria  
Regional dos Correios de Pernambuco; ASCOM - Diretoria  
Regional dos Correios no Rio de Janeiro; GEREN - Diretoria  
Regional dos Correios no Rio de Janeiro Centro Cultural  
Correios Recife; Centro Cultural Correios Rio de Janeiro;  
Espaço Cultural Correios de Niterói.

A Revista Postais é uma publicação semestral do Museu Correios.  
As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Museu Correios  
Setor Comercial Sul, Quadra 04, número 256  
70304-915 Brasília - DF  
Telefone: (61) 3213 5000  
e-mail: [museu@correios.com.br](mailto:museu@correios.com.br)

P857 Postais : Revista do Museu Correios. — N.3  
([jul./dez. 2014 ])- . — Brasília : Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos,  
Departamento de Gestão Cultural. 2014- .  
v. : il. ; 18cm.  
Semestral

ISSN 2317 - 5699

1. História Postal Brasileira. 2. Telegrafia. 3. Museologia. Patrimônio Histórico e  
Cultural. 4. Ação Cultural. 5. Artes. I. Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos,  
Departamento de Gestão Cultural.

CDD 656.81  
CDU 656.8(09)(081)

# POSTAIS

Revista do Museu Correios



Ano 2 Número 03  
Brasília 2014



# A arqueologia brasileira representada nos selos

Edithe Pereira

The brazilian archeology depicted in stamps

## Resumo/Abstract

Aspectos importantes da historia da arqueologia e da pré-história brasileira estão representados em diversos selos emitidos entre 1966 e 2012. O artigo apresenta de forma cronológica os selos acompanhados de informações sobre os temas neles representados.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Pré-História brasileira. Filatelia.

Important aspects of the history of archeology and the Brazilian pre-history are depicted in several stamps issued between 1966 and 2012. The article presents the stamps, in chronological order, jointly with information about the topics depicted therein.

**Keywords:** Archeology. The Brazilian Pre-History. Philately.

1. <http://www.dicionariodoaurelio.com/Selo.html> acesso em 25/03/2014.

Uma definição clássica para o selo postal pode ser encontrada em qualquer dicionário que, em linhas gerais, o descreverá como sendo um “papel colado sobre um envelope e que mostra que está pago o custo de seu transporte através dos correios”<sup>1</sup>. A função dos selos, no entanto, vai além disso. Os selos são, efetivamente, um documento e como tal refletem o momento histórico de um país.

A partir de 1900, quando os Correios passam a emitir selos comemorativos, aumenta gradativamente a diversidade de temas abordados, o que dá aos selos uma dimensão histórica ainda maior na medida em que eles passam a documentar situações tão diversas quanto a comemoração de um campeonato de futebol, a luta contra a HIV/AIDS, a preservação do meio ambiente ou a homenagem a um músico ou ator.

Dentre os diversos temas abordados nos selos brasileiros, a arqueologia merece destaque pela recorrência e pela diversidade de sítios arqueológicos representados.

O primeiro selo que faz alusão à arqueologia do país foi emitido em 1966 em comemoração ao Centenário do Museu Emílio Goeldi. Essa instituição – a mais antiga da Amazônia – foi fundada em Belém em seis de outubro de 1866 pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Penna sob o nome de Associação Philomática (amigos da ciência).

A imagem escolhida para ilustrar o selo foi um vaso de gargalo, cerâmica arqueológica relacionada com a Cultura Santarém (figura 1). Além do selo, também foi confeccionado um envelope comemorativo contendo o desenho de uma urna marajoara (figura 2). Ambas as peças são simbólicas para representar o centenário do Museu Emilio Goeldi, instituição cujas origens se confundem com o início da pesquisa arqueológica na Amazônia (PEREIRA, 2009). O primeiro dia de circulação do selo foi 06 de outubro de 1966.



Figura 1 - Selo comemorativo do Centenário do Museu Goeldi

O vaso de gargalo – peça que ilustra o selo – é um objeto arqueológico cuja autoria é atribuída aos Tapajó, grupo indígena que habitou na foz do rio Tapajós. A principal aldeia deste grupo estava assentada onde hoje é a cidade de Santarém, no Pará. Os Tapajó permaneceram na região até o século XVII, chegando a manter contato com os colonizadores europeus que deixaram relatos sobre os costumes e a cultura material produzida por esse grupo indígena. Baseada nessas fontes, Guapindaia (1993) informa que os Tapajó possuíam uma organização social hierárquica, praticavam a agricultura, eram um povo guerreiro cujos domínios se estenderam por uma ampla área na região do baixo Amazonas. Exímios artesãos, eles produziram uma cerâmica muito elaborada, sendo o vaso de gargalo representado no selo um exemplo da habilidade técnica desse povo.

A urna funerária representada no envelope comemorativo do Centenário do Museu Goeldi (figura 2) é uma das peças que compõe o extenso e variado repertório cerâmico relacionado à fase marajoara, cronologicamente situada entre 400 e 1400 depois de Cristo (BARRETO, 2008; ROOSEVELT 1991; SCHAAN, 2004).

Uma das práticas do povo relacionada à fase marajoara era enterrar seus mortos em urnas cerâmicas extremamente elaboradas e decoradas com complexa iconografia (SCHAAN, 1997; BARRETO, 2008). O enterramento era do tipo secundário, ou seja, apenas os ossos eram depositados na urna após a retirada da carne do indivíduo. De acordo com Barreto (2008) as mais antigas urnas com sepultamento secundário na Amazônia estão relacionadas à fase marajoara.

Em 01 de junho de 1974 o Turismo Nacional é homenageado através da emissão de dois selos acompanhados dos respectivos cartões postais. Um homenageia o Parque



figura 2 - Envelope comemorativo do Centenário do Museu Goeldi.



Figura 3 - Selo e cartão postal em homenagem ao Parque Nacional Sete Cidades e o carimbo do primeiro dia de circulação.

Nacional Sete Cidades, no Piauí e outro as Ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul.

O Parque Nacional Sete Cidades, localizado nos municípios de Brasileira e Piracuruca no norte do Piauí, foi criado em 1961 em razão da sua importância geológica e arqueológica. O local abriga impressionantes formações geológicas e dezenas de sítios arqueológicos com pinturas rupestres. O selo é ilustrado com uma das muitas formações rochosas do local e as pinturas rupestres aparecem no carimbo do primeiro dia de circulação desse selo (figura 3).

São Miguel Arcanjo, antiga redução jesuítica, é um importante sítio arqueológico do período histórico (figura 4). Localizado no município de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul é declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO e constitui uma das quatro reduções jesuíticas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). De acordo com Meira

As reduções eram núcleos urbanos estabelecidos para facilitar a catequização dos indígenas. Atendiam aos interesses da igreja católica e da Coroa Espanhola, como forma de garantir as fronteiras dos territórios conquistados, controlar a cobrança de impostos e realizar a conquista espiritual dos habitantes autóctones. No início do século XVII, foi criada a Província Jesuítica do Paraguai, que durou quase 160 anos. Congregou trinta povos que formavam um sistema complexo. A estrutura das reduções era constituída basicamente pela igreja, casa dos índios, colégio, oficinas, cotiguaçu, cabildo, cemitério e quinta. Além disso, possuíam estruturas rurais, tudo interligado por um sistema de caminhos. Os remanescentes materiais dessas estruturas hoje se encontram nos territórios da Argentina, Brasil e Paraguai. (2012: 102)

A redução de São Miguel Arcanjo foi representada nos selos brasileiros em duas ocasiões, em 18 de abril de 1985, na série “Patrimônio Mundial da Humanidade” e em 17 de setembro de 1998 na série “Patrimônio Histórico Mercosul – Missões” (figura 5),

Em 08 de julho de 1975 uma série de três selos intitulada “Arqueologia Brasileira” começa a circular no país ilustrada por uma urna funerária marajoara, por gravuras rupestres da Pedra do Ingá, na Paraíba e um peixe fóssil<sup>2</sup> encontrado na região da Chapada do Araripe, na fronteira entre Ceará, Pernambuco e Piauí. Além dos selos, foi emitido um envelope comemorativo ilustrado com uma planta das Sete Cidades, no Piauí<sup>3</sup> (figura 6) e carimbos de primeiro dia de circulação para cada selo da série (figuras 7 e 8).

O selo com as gravuras da Pedra do Ingá foi o primeiro a fazer alusão à arte rupestre brasileira. A Pedra Lavrada do Ingá, ou simplesmente, Pedra do Ingá está localizada no município de Ingá, na Paraíba e é considerado o primeiro monumento arqueológico tombado como patrimônio Nacional. O tombamento ocorreu em 29 de Maio de 1944 pelo então Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O sítio arqueológico, composto por centenas de figuras gravadas em diversos blocos de gneiss em meio ao riacho Ingá, foi descrito por Martin

No centro do pedregal, um enorme bloco de 24 metros de largura e três de altura divide o rio em dois braços. O lado norte do bloco está totalmente coberto de grafismos, gravados



Figura 4 - Selo, carimbo e postal com representação do sítio histórico São Miguel das Missões.

2. O peixe fóssil deveria ter sido incluído em uma série sobre paleontologia, visto que a Arqueologia tem como objeto de estudo a cultura material e outras evidências produzidas pela ação humana.

3. As Sete Cidades fazem parte do Parque Nacional Sete Cidades, tema de um selo emitido em 1974.



Figura 5 - Emissões de 1985 e 1998 cujo tema é o sítio histórico São Miguel das Missões

até a altura de 2,50 metros. Os desenhos foram realizados, seguindo-se uma linha continua e uniforme, insculpida na rocha, de três centímetros de largura e seis a sete milímetros de profundidade. A parte superior do painel está enquadrada por uma linha de círculos gravados, de cinco centímetros de diâmetro. (2008, p. 293)

A Pedra do Ingá é certamente o mais famoso sítio arqueológico com gravuras rupestres do Brasil. É também o mais enigmático e o que mais interpretações suscitou por parte de amadores e profissionais. O leque de interpretações para as gravuras da Pedra do Ingá é abrangente e diversificado, dentre elas se destacam as seguintes hipóteses: inscrições fenícias e gregas; escrita-mãe dos sistemas atuais; teriam sido feitas a laser por seres extraterrestres; registro musical dos cantos cerimoniais rituais; um mapa astronômico, um calendário lunar ou simplesmente resultado do ócio indígena (MARTIN, 1975, MACHADO et al, 2012).

A maioria dos autores acredita na origem indígena das gravuras da Pedra do Ingá, atribuída provavelmente aos índios Cariris ou a outros povos indígenas da região e que teria mais de 2000 anos (MACHADO et al., 2012)

As gravuras da Pedra do Ingá, assim como as de outros muitos sítios do Brasil, correspondem a uma das formas de manifestação cultural dos povos indígenas que aqui viveram antes da chegada dos europeus. No entanto, dificilmente será possível descobrir o significado que existe por trás de cada motivo registrado nas rochas uma vez que seus autores já desapareceram e levaram consigo as “chaves” para decifrar os códigos de cada figura ou conjunto de figuras. O que se conservou foram apenas os motivos pintados ou gravados sobre as rochas e cujas formas reconhecemos a partir de nosso referencial moderno e ocidental.



Figura 6 - Envelope comemorativo com um dos carimbos e os selos que integram a série Arqueológico Brasileira.

A planta das Sete Cidades que ilustra o envelope comemorativo da série “Arqueologia Brasileira” corresponde a um conjunto de formações rochosas que foram moldadas pela erosão pluvial e eólica resultando em formas exóticas que se assemelham a animais, objetos, monumentos e pessoas. O austríaco Ludwig Schwennhagen que percorreu os sertões do Brasil entre os anos de 1910 e 1920, acreditava que essas formações rochosas eram resultado da passagem de povos fenícios pelo Brasil (MARTIN, 2008). Tristão de Alencar Araripe (1887) também viu nessas formações uma cidade petrificada.

Em 18 de maio de 1981 os Correios emitem uma série com três selos em comemoração ao dia Internacional dos Museus, sob o título “Museus de Ciências”. Com essa série são homenageadas três instituições brasileiras com tradição no estudo da cerâmica arqueológica – o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Museu Emílio Goeldi, em Belém e o Museu Arqueológico e Artes Populares de Paranaguá, no Paraná.

Nessa Série, o Museu Goeldi é representado por uma das peças do seu acervo – uma tanga marajoara (figura 9). De acordo com Schaan (2003), a tanga – peça triangular, côncava e com furos nas extremidades – era usada por mulheres e seu status social estaria representado pela presença ou ausência de decoração nesse objeto. Essa mesma autora sugere ainda que o uso das tangas deve ter sido frequente e não apenas em datas especiais, visto a grande quantidade de fragmentos encontrados nos sítios e também pelo desgaste nos furos existente destinados a passar o cordão que permite prender a tanga ao corpo (SCHAAN, 1997, 2003).



Figura 7 - Selo emitido em 1975 tendo como tema a cerâmica marajoara e o carimbo do primeiro dia de circulação com detalhes de grafismo marajoara.



Figura 8 - Cartão postal e selo em homenagem ao sítio Pedra Lavrada do Ingá e o carimbo do primeiro dia de circulação com detalhe das gravuras da Pedra do Ingá.

4. As Sete Cidades fazem parte do Parque Nacional Sete Cidades, tema de um selo emitido em 1974.



Figura 9 – Uma tanga marajoara ilustra um dos selos da Série Museus de Ciências, emitida em 1981; o carimbo da mesma série é ilustrado com o desenho de uma cerâmica arqueológica.



Figura 10 - Uma urna antropomorfa Maracá ilustra um dos selos da Série Museus de Ciências, emitida em 1981.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro foi representado por uma urna funerária Maracá<sup>4</sup> (figura 10), proveniente da região de mesmo nome no sudeste do Amapá. Na cultura Maracá – datada em 360 anos atrás – os enterramentos eram do tipo secundário, ou seja, após o descarte os ossos eram depositados em urnas cerâmicas. Essas urnas não eram enterradas e sim colocadas sobre o solo no interior de pequenas grutas e abrigos (Guapindaia, 2001, 2012). Essa particularidade dos cemitérios indígenas da cultura Maracá os diferencia dos demais cemitérios indígenas onde as urnas eram enterradas.

De acordo com Guapindaia (2012) existem dois tipos de urnas funerárias na cultura Maracá, as antropomorfos (forma humana) e as zoomorfos (forma de animal). O tipo mais comum – e a que está representada no selo – são as antropomorfos que mostram um indivíduo (homem ou mulher) sentado em um banco com as mãos apoiadas sobre os joelhos. Essas urnas são compostas de três partes, o tronco – de forma cilíndrica – corresponde a urna onde os ossos são depositados, a cabeça é a tampa e o banco é a base. Mamilos, umbigo e o sexo estão representados e o corpo é pintado com formas geométricas e apresenta adornos nos braços e pernas. Na cabeça, o rosto está bem representado com sobrancelhas, olhos, nariz, boca e às vezes, os dentes (GUAPINDAIA, 2001).

Após o descarte os ossos eram desarticulados e colocados no interior da urna de forma organizada e obedecendo a seguinte disposição “(...) a pélvis era colocada no fundo da urna, os ossos longos encostados na parede, as costelas, os ossos das mãos e dos pés sobre a pélvis e sobre eles o crânio” (GUAPINDAIA, 2012 p.135). Além disso, o sexo representado na urna corresponde sempre ao do indivíduo enterrado.

O Museu Arqueológico e Artes Populares de Paranaguá, no Paraná foi representado por uma urna funerária Tupiguarani (figura 11) proveniente do oeste do Paraná.

Em Arqueologia, o termo Tupiguarani é utilizado para se referir a um conjunto de vestígios materiais cuja distribuição geográfica coincide com a localização de tribos indígenas históricas relacionadas com a família linguística Tupi-Guarani. Presentes em

uma grande extensão do território brasileiro e em parte da Bolívia, da Argentina e do Paraguai, os povos relacionados à tradição Tupiguarani viveram entre 500 e 1800 antes do presente em grandes aldeias próximas a cursos de água (PROUS, 1992).

O espaço das aldeias também era utilizado para enterrar os mortos, que eram depositados diretamente no solo ou no interior de urnas que posteriormente eram enterradas. O descarte do indivíduo para a colocação dos ossos no interior das urnas e a presença de acompanhamento funerário – geralmente pequenas vasilhas de cerâmica e artefatos em pedra – são indícios de que os sepultamentos eram acompanhados de um ritual.

A cerâmica é o artefato mais característico da cultura Tupiguarani. Há diversidade de formas de vasilhames utilitários ou rituais. Em algumas regiões os vasilhames são belamente decorados em policromia, no entanto a decoração plástica predominante e característica dessa cerâmica é o corrugado. A forma de urna predominante nessa cultura está representada na imagem que ilustra o selo (figura 11).

Em 18 de maio de 1985 é emitida uma série denominada “Pinturas Rupestres”<sup>5</sup> composta por um envelope, três cartões-postais (figura 12) e três selos com pinturas rupestres de sítios arqueológicos localizados no estado de Minas Gerais (figura 13). Os selos são ilustrados com figuras de animais presentes nos sítios Cerca Grande, na região de Matosinhos, Lapa do Caboclo, em Januária e o Abrigo Santana do Riacho, localizado no município de mesmo nome.

Os cervos representados na figura 13a, estão presentes no sítio Cerca Grande, localizado em Matosinhos, região central de Minas Gerais e pertencem a Tradição<sup>6</sup> Planalto. Essa tradição se estende desde o norte do Paraná até o sul do Tocantins, sendo o centro de Minas Gerais a área de maior ocorrência. Sua antiguidade alcança 7.000 anos (PROUS, BAETA, RUBBIOLI, 2003) e sua principal característica é o grande número de representações de animais, sendo os cervídeos os mais populares. Esses animais



Figura 11 - Uma funerária Tupiguarani ilustra um dos selos da Série Museus de Ciências, emitida em 1981.

5. Essa série foi emitida especialmente para a 6ª edição da Exposição Filatélica Nacional BRAPEX realizada em Belo Horizonte de 18 a 26 de maio de 1985 (COFI, 2011).

6. Tradição é o termo usado na arqueologia brasileira para agrupar conjuntos rupestres que pertencem a um mesmo período e apresentam a mesma temática (Prous, Baeta, Rubbioli, 2003).



Figura 12 – Envelope e cartões postais com tema das pinturas rupestres de sítios arqueológicos de Minas Gerais.



aparecem pintados geralmente com apenas uma cor e eventualmente com duas cores como mostra a imagem do selo.

Os lagartos da Lapa do Caboclo (figura 13b) estão relacionados à Tradição São Francisco – datada em 2.700 anos do presente – e correspondem, juntamente com os peixes, às poucas figuras zoomorfas pertencentes a essa tradição (Ribeiro e Isnardis, 1996/97). Associada ao vale do rio São Francisco, essa tradição está presente em Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Goiás e Mato Grosso e se caracteriza pela abundância de figuras geométricas policrômicas (GASPAR, 2003).

Os animais representados na figura 13c pertencem ao sítio Abrigo Santana do Riacho, cuja ocupação humana remonta 12.000 anos antes do presente. O sítio apresenta mais de 1.900 pinturas que estão relacionadas em sua maioria a Tradição Planalto. Um pequeno bloco pintado encontrado na base de uma camada datada de 8.000 anos que permitiu datar, ainda que de forma relativa, as pinturas desse sítio, situando-as em um período bastante recuado (PROUS, BAETA, 1992/93, P. 241)

A comemoração dos “500 anos do Descobrimento da América” é celebrada em 12 de outubro de 1989 com a emissão de dois selos e um envelope ilustrados com dois artefatos atribuídos aos Tapajó – o vaso de cariátides e o muiraquitã.

O vaso de cariátides é um exemplo da maestria oleira, da criatividade e da complexidade simbólica dos Tapajó. A peça tem uma base em forma de carretel, sobre ela três figuras humanas acoradas (quase sempre femininas) sustentam a parte superior formada por uma bacia adornada externamente por figuras humanas e de animais (BARATA, 1950, GUAPINDAIA, 1993).

Guapindaia (1993) sugere, a partir da estrutura complexa de peças como a dos vasos de cariátides e de gargalo, que esses objetos não tinham um uso utilitário e que possivelmente foram feitos por um grupo de pessoas especializadas que se dedicava a confecção desses e de outros objetos. A especialização do trabalho entre os Tapajó sugere tratar-se de uma sociedade organizada hierarquicamente.

Os muiraquitãs são pequenos artefatos elaborados em diferentes tipos de rochas e minerais e representam, principalmente, um batráquio estilizado. A raridade dessas peças aliada ao esmero da sua confecção levou muitos pesquisadores a considerarem como amuletos ou símbolos de poder. Os desgastes nos furos existentes nas peças sugerem que terem sido utilizados como pingentes.

As fontes documentais mostram que os muiraquitãs, assim como outros artefatos de pedra, eram “um dos principais elementos de troca em eventos como casamentos, cerimônias de paz e negociações de consolidação e manutenção de alianças políticas” (GUAPINDAIA, 2008:42) entre as elites das chefias das várzeas do Amazonas e Orenoco (BOOMERT, 1987).

Em 6 de julho de 1991, os Correios emitem dois selos relacionados ao turismo brasileiro. Um deles é dedicado ao sítio arqueológico Pedra Pintada, em Roraima, como forma de homenagear o centenário do município de Boa Vista ocorrido em 9 de julho de 1990. O selo mostra uma vista geral do sítio e um detalhe das suas pinturas rupestres (figura 15b). Além do selo, há também o envelope e o carimbo comemorativo ao primeiro dia de circulação, ambos reproduzem a Pedra Pintada (figura 15).

A Pedra Pintada, localizada na Reserva Indígena São Marcos, está situada há cerca de 140 km de Boa Vista, é um importante sítio arqueológico



Figura 13 – Selos sobre as pinturas rupestres de Minas Gerais. (a) sítio Cerca Grande; (b) sítio Lapa do Caboclo; (c) sítio Abrigo Santana do Riacho; (d) carimbo do primeiro dia de circulação.

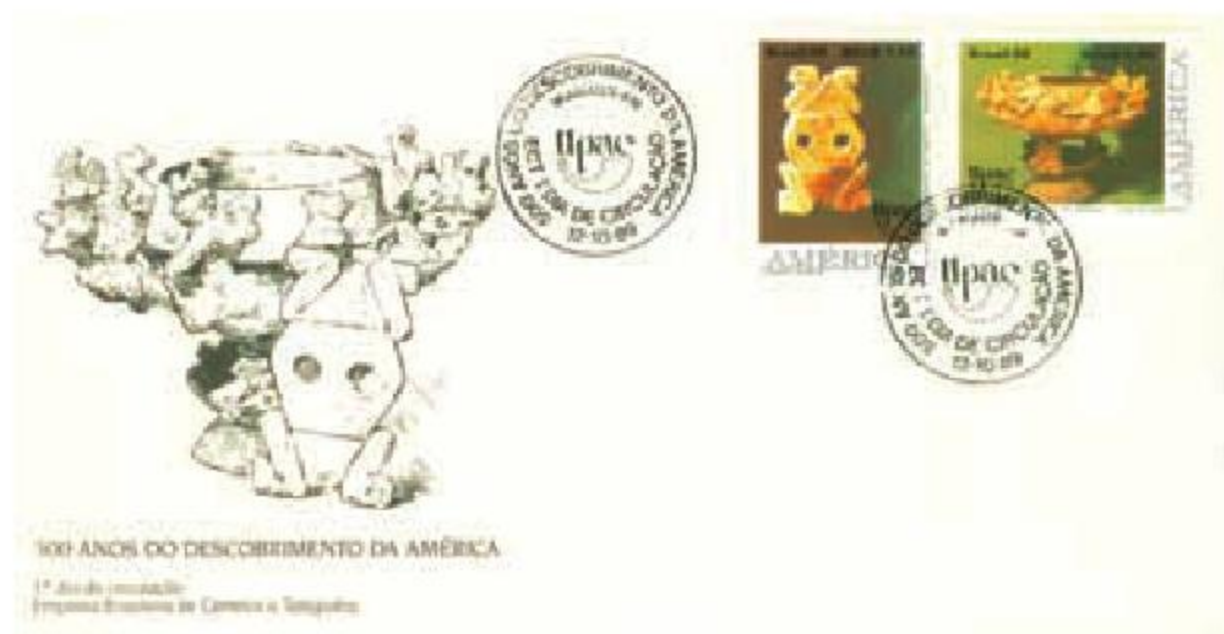


Figura 14 - Os temas que ilustram o envelope e os selos comemorativos dos 500 anos do Descobrimento da América são um vaso de cariátides e um muiraquitã.



7. <http://www.fumdham.org.br/parque.asp> acesso em 24/02/2014.

8. Essa data recua bastante a presença do homem no continente americano e acalora os debates sobre o povoamento da América.

com pinturas rupestres situado em um imenso bloco de granito com cerca de 60 metros de diâmetro e 30 de altura. Os temas representados nas pinturas desse e de outros sítios da região são essencialmente formas geométricas e integram o estilo Parimé que se caracteriza por formas abstrato-lineares (RIBEIRO, 1999).

As pesquisas arqueológicas realizadas na Pedra Pintada revelaram que os autores das pinturas nas rochas viveram na região há pelo menos 4.000 anos antes do presente e seu sustento vinha da caça e da coleta (RIBEIRO, 1999).

O Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no sudeste do estado do Piauí, foi o tema de dois selos emitidos em 17 de julho de 1992 com a denominação “Parque Nacional Serra da Capivara, Patrimônio Cultural da Humanidade”. Ilustram os selos dois mapas localizando o Piauí, o Parque, o ambiente representado pelos cânions, animais existentes atualmente na região e pinturas rupestres do sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada (figura 16). O carimbo do primeiro dia de circulação é ilustrado com pinturas rupestres representando duas figuras humanas, uma delas segurando um objeto, e um animal (figura 16).

No Parque Nacional Serra da Capivara existe uma grande quantidade de sítios arqueológicos, a maioria com arte rupestre<sup>7</sup>. São mais de novecentos sítios, sendo seiscentos e cinquenta e sete com pinturas rupestres. Em um ambiente hoje dominado pela vegetação de caatinga, com vales, serras e planície e uma fauna e flora diversificada, viveram povos que há milhares de anos pintaram as paredes rochosas dos abrigos dessa região (PESSIS, 2003, P. 85).

Pesquisas realizadas no sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada demonstraram que a ocupação humana nesse local remonta 48.000 anos atrás<sup>8</sup> (MARTIN, 2008, P. 95) e que a atividade gráfica rupestre parece ter iniciado em torno de 29.000 anos (PESSIS, 2003). Há 12.000 anos os povos que viveram nessa região pintaram nas paredes dos abrigos figuras humanas e de animais que expressam movimentos diversos e formam cenas rituais e de atividades cotidianas como a caça, a dança, a luta e o sexo.

O conjunto de figuras com essas características foi denominado de Tradição Nordeste e está presente em toda a região Nordeste do Brasil. As pesquisas realizadas e a grande densidade de sítios com figuras dessa Tradição na área do Parque Serra da Capivara, sugerem que a sua origem se deu nessa região por volta de 12.000 anos e ali permanecendo até 6.000 atrás (MARTIN, 2008). Trata-se de um dos conjuntos de pintura rupestre mais antigo do Brasil.

Os Sambaquis, sítios arqueológicos formados a partir de conchas amontoadas, são o tema de dois selos emitidos pelos Correios em 19 de setembro de 1993 sob o tema “Preservação dos Sambaquis – Patrimônio da nossa pré-história” (figura 17). A emissão desses selos procura chamar a atenção para a importância dos sambaquis e a necessidade de sua preservação visto serem alvo de destruição pela exploração de cal e atualmente pela especulação imobiliária.

Situados principalmente no litoral, os sambaquis preservam uma diversidade de evidências materiais que revelam o modo de vida das antigas populações que viveram na costa e que subsistiam da pesca, da coleta de moluscos e da agricultura. Os maiores sambaquis estão localizados no Sul do Brasil, especificamente em Santa Catarina, aonde chegam a alcançar 30 metros de altura.



Figura 15 – (a) Envelope, carimbo e selo tendo como tema o sítio arqueológico Pedra pintada, em Roraima; (b) detalhe do selo.

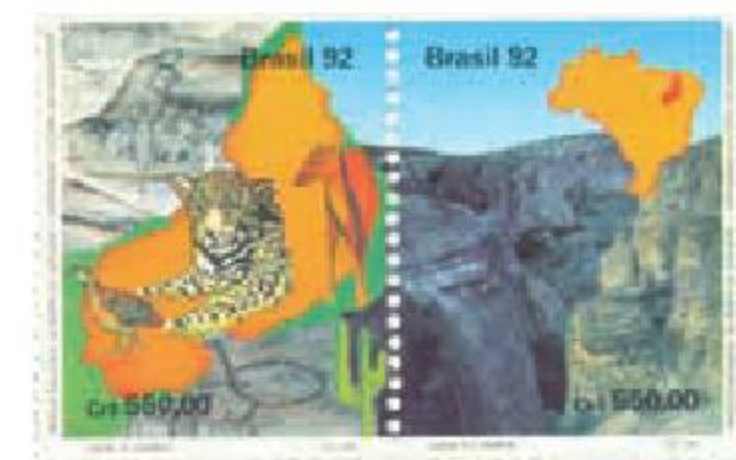


Figura 16 – Selos comemorativos do Parque Nacional Serra da Capivara e carimbo do primeiro dia de circulação.





Figura 17 – Selos da série “Preservação dos Sambaquis – Patrimônio da nossa pré-história” e o carimbo comemorativo do primeiro dia de circulação.



Figura 18. – Peter Lund é homenageado em selo emitido em 14/06/2010.

Nesses amontoados de conchas e ossos são encontrados restos de alimentos, objetos e sepultamentos. Rituais funerários parecem constituir uma prática no momento do enterramento, visto as diferentes posições do corpo e os objetos encontrados junto aos restos esqueléticos.

Entre os objetos encontrados nos enterramentos destacam-se esculturas, lâminas de machado e colares feitos de conchas de moluscos, dentes e/ou ossos de animais. As esculturas são os objetos mais impressionantes relacionados aos povos dos sambaquis. Denominadas de zoólitos, essas peças são esculpidas em pedra e em osso e representam, majoritariamente, animais marinhos como tubarão, arraia, baleia e peixes. Outros animais como pássaros, tartaruga e cutia também são representados e, em menor, quantidade há esculturas com formas humanas (GASPAR, 2000). A imagem de três zoólitos ilustra os selos juntamente com a imagem de um perfil de um sambaqui.

Nos sambaquis da Amazônia ocorrem cerâmicas em cuja argila foi acrescentado pedaços de conchas pra ajudar na consistência do objeto. A cerâmica mais antiga das Américas é proveniente do sambaqui da Taperinha, no Pará, datada por volta de 8000 anos (ROOSEVELT et al., 1991). Em alguns casos o tempo de ocupação nesses sítios durou 1000 anos demonstrando uma intensa e constante atividade humana no litoral (Gaspar, 2000).

Em 2010, os Correios emitem um selo em “Homenagem ao paleontólogo Peter Lund e à Lagoa Santa/MG”, ilustrado com a imagem do pesquisador e de uma caverna (figura 18). Nascido na Dinamarca em 1801, Peter Wilhelm Lund veio ao Brasil pela primeira vez em 1825 dedicando-se inicialmente a estudos de botânica e zoologia no Rio de Janeiro. A partir da sua segunda viagem ao Brasil, iniciada em 1833, Lund passa a dedicar-se ao estudo das cavernas de Minas Gerais.

Em 1835, visitou a gruta Lapa Nova de Maquiné. Maravilhado com a beleza do lugar Lund começou a coletar e a estudar os fósseis. Em 1943, durante as escavações

na Gruta do Sumidouro, descobriu ossos humanos misturados a fósseis de grandes animais extintos. Essa descoberta, aliada a identificação de que tais fósseis humanos apresentavam características diferentes dos indígenas americanos, levou Lund a considerar que uma população humana diferente dos primitivos indígenas americanos teria coexistido com a megafauna da região (MARCHESOTT, 2013).

Um século depois a teoria de Lund seria confirmada. Novos estudos demonstraram que crânios humanos encontrados nas grutas da região de Lagoa Santa tem características físicas semelhantes a de povos negroides e as datações obtidas até o momento recuam a ocupação humana na região a pelo menos 10.000 anos (NEVES E PILÓ, 2008)

O selo mais recente emitido sobre a Arqueologia Brasileira data de 12 de agosto de 2013. Com o tema “A história contada na pedra: a arte rupestre na Amazônia”, o selo destacada a paisagem e duas pinturas do sítio Serra da Lua, localizado no município de Monte Alegre, no Pará (figura 19a). O carimbo do primeiro dia de circulação é ilustrado com uma das mais impressionantes pinturas da região (figura 19b) e que também ilustra o edital de divulgação do selo (figura 19c).

Um carimbo comemorativo do XVII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB, que ocorreu na cidade de Aracaju (SE) entre 25 e 30 de agosto de 2013, marcou o lançamento do selo “A história contada na pedra: a arte rupestre na Amazônia”, durante o evento.

Monte Alegre, município localizado no oeste do Estado do Pará, detém um importante conjunto de sítios arqueológicos com pinturas pré-históricas localizadas em paredões a céu aberto, abrigos e cavernas situadas nas serras dessa região. As pinturas de Monte Alegre constituem um estilo próprio, caracterizado pela predomínio de figuras geométricas e



Figura 19 – (a) Selo; (b) carimbo do primeiro dia de emissão; (c) edital do selo A história contada na Pedra: A arte rupestre da Amazônia.

antropomorfas. Dentre as figuras geométricas os círculos se destacam pela recorrência, diversidade de tamanho e composição de cores. Os antropomorfos aparecem representados de forma completa (cabeça, tronco e membros) ou apenas a representação da cabeça onde o destaque é a presença de elementos faciais que expressam diferentes fisionomias.

As figuras representadas no selo, assim como outras da região, estão situadas em partes altas das rochas, são de grande tamanho e de cores muito vivas parecendo ter sido elaboradas com o objetivo de serem vistas a partir de grandes distâncias (Pereira, 2012). Pesquisas arqueológicas evidenciaram uma ocupação humana muito antiga em Monte Alegre datada em 11.200 antes do presente (ROOSEVELT et al. 1996), a qual pode estar associada ao início da prática gráfica rupestre.

Estudos comparativos entre motivos representados nas pinturas rupestres e na cerâmica proveniente de Monte Alegre e arredores sugerem que alguns temas pintados na rocha, como as figuras antropomorfas, tenham sido elaborados por grupos ceramistas tardios, provavelmente entre 1000 antes de Cristo e 1000 depois de Cristo (PEREIRA, 2012).

Há mais de quatro décadas a arqueologia brasileira vem sendo representada nos selos do país. Eles retratam peças e monumentos que constituem fragmentos do nosso passado, tempos remotos trazidos ao presente pela arqueologia se entrecruzam com espaços remotos, percorridos pelos selos mundo afora, contando a história de vidas cronologicamente entrelaçadas nomeadas de humanidade. Formas de falar de si, formas de construir e preservar a cultura material e imaterial que dá sentido a existência humana na terra.

### Referências

ARARIPE, Tristão de Alencar. Cidades petrificadas e Inscrições lapidárias no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo L, Rio de Janeiro, 1887.

BARATA, Frederico. A arte oleira dos Tapajó: considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. In: **Publicação nº 2 do Instituto de Antropologia e Etnologia do Para**. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1950.

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. Tese de Doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo. 2008. 234 p. 2 vol.

BOOMERT, Arie. Gifts of the Amazon. "Green Stone" pendants and beads as items of ceremonial exchange in Amazonia and the Caribbean. In: **Antropológica** 67 p. 33-54. 1987.

GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do Litoral Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

GASPAR, Madu. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

GUAPINDAIA, Vera Lucia Calandrini. **Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

GUAPINDAIA, Vera Lucia Calandrini. **Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: a coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1993. 118 p.

GUAPINDAIA, Vera. Sítios funerários em grutas na região do rio Maracá, Amapá. In: FIGUEIREDO, Silvio Lima; PEREIRA, Edithe; BEZERRA, Marcia (Org.). **Turismo e gestão do patrimônio arqueológico**. Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, 2012, p. 127-139.

GUAPINDAIA, Vera. Encountering the Ancestors: The Maracá urns. In: McEWAN, Colin; BARRETO; Cristiana, NEVES, Eduardo (eds.). **Unknown Amazon**. Published by British Museum Press, p.156-173. 2001.

MACHADO, Liliane S. et al. Informação Arqueológica de Ingá: preservação, acesso e uso a partir

- de um ambiente virtual. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.22, p. 175-188, Número Especial, 2012.
- MARCHESOTT, Ana Paula Almeida. Dinamarquês das cavernas. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 9, n. 99, Dezembro 2013, p. 65-67.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- MARTIN, Gabriela. Estudos para um a desmistificação dos petróglifos brasileiros: (I) A Pedra Lavrada de Ingá (Paraíba). In: *Revista de História - USP*, n. 102 - São Paulo: 1975, p. 509-537.
- MEIRA, Ana Lucia G. Socialização dos sítios arqueológicos nas Missões Jesuítico-Guarani. In: FIGUEIREDO, Silvio Lima; PEREIRA, Edithe; BEZERRA, Marcia (Org.). *Turismo e gestão do patrimônio arqueológico*. Belém: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. 2012. p. 101-111.
- NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luís Beethoven. *O Povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos*. São Paulo: Globo, 2008.
- PEREIRA, Edithe. O Museu Goeldi e a pesquisa arqueológica: um panorama dos últimos dezessete anos (1991-2008). In: *Boletim do Museu Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, 2009. Belém: MPEG, 2009, v.4, n.1.
- PEREIRA, Edithe. *A Arte Rupestre de Monte Alegre, Pará, Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2012.
- PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da pré-história*. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHAM/PETROBRÁS. 2003.
- PROUS, Andre. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora Universitária de Brasília, 1992.
- PROUS, Andre; BAETA, Alenice Motta. Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia. In: *Arq. Mus. Hist. Nat.*, UFMG, vol. XIII-XIV, 1992/93, p. 241-332.

PROUS, Andre; BAETA, Alenice Motta; RUBBIOLI, Ezio. O patrimônio Arqueológico da região de Matosinhos: conhecer para preservar. Belo Horizonte: Ed. do Autor. 2003.

RIBEIRO, Loredana; ISNARDIS, Andrei. Os conjuntos gráficos do alto-médio São Francisco (vale do Peruaçu e Montalvânia): caracterização e sequências sucessórias. In: *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*. Vol. XVII/XVIII – 1996/7, p. 243-285.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Caçadores-coletores de Roraima. In: *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 135-145. 1999.

ROOSEVELT, A. C. Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil. San Diego: Academic Press. 1991

ROOSEVELT, A. C., et al. Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. In: *Science*. 1991. vol. 254, p.1621-1624.

ROOSEVELT, A., et al.. Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas. In: *Science*, 1996. vol. 272, p. 373-384.

SCHAAN, Denise Pahl. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara. In: *Revista Arqueologia*, 16: 2003. p. 31-45.

SCHAAN, Denise Pahl. *A Linguagem Iconografica da Ceramica Marajoara*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SCHAAN, Denise Pahl. The Camutins Chiefdom. Rise and development of complex societies on Marajó Island, Brazilian Amazon. Tese de Ph.D., Universidade de Pittsburgh. 2004.

Edithe Pereira - Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará, mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Geografia e História pela Universidade de Valência, Espanha. É pesquisadora Titular do Museu Paraense Emílio Goeldi.